

---

**Dossiê**

**APRESENTAÇÃO**

Fernando de Figueiredo Balieiro\*

Juliana do Prado\*\*

É lugar comum dizer que vivemos em um mundo mediado por tecnologias. Há mais de um século nossa vida se entrelaça com sons, imagens, ideias, representações que circulam pelo rádio, cinema e televisão e, desde a década de 1990, quando a rede mundial de computadores passou a se disseminar, vemos a vida cada vez mais mediada por sofisticadas mídias digitais, vinculando cada vez mais o local com o global, fazendo os aspectos mais prosaicos de nossas vidas serem afetados cada vez mais por relações sociais distanciadas.

Para além de uma primeira impressão utópica que pensaria a tecnologia como meio para a aproximação desinteressada e mais democrática das relações humanas, ou de uma premissa distópica de que a tecnologia nos afastaria do contato humano, tornando-nos seres solitários, nossa proposta é problematizar essas dicotomias. Os textos que seguem mostram como as tecnologias difundem, diversificam e complexificam as formas de interação social, reconfigurando as fronteiras do público e privado e atualizando as formas de se lidar com o corpo, o desejo, as identidades e as afetividades.

Com a expansão do uso das tecnologias digitais, revelam-se profundas transformações subjetivas decorrentes de seu impacto, apresentando novas formas relacionais e proporcionando formas inéditas de agência no que tange à sexualidade e remanejamentos de relações de poder. Em concomitância, perseveram, ainda que remodeladas, formas de controle moral, baseados em hierarquias sociais, nas representações acionadas nas diversas mídias que se comunicam entre si.

---

\* Fernando de Figueiredo Balieiro é doutor em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), pesquisador vinculado ao QUERERES - Núcleo de Pesquisa em Diferenças, Gênero e Sexualidade da mesma universidade e um dos coordenadores do Núcleo Interseccionalidades de pesquisa em gênero, raça e sexualidade da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Realizou estágio de doutorado em Film & Digital Media na University of California, Santa Cruz (UCSC). Atualmente é pós-doutorando em Sociologia na UFPel e tem se dedicado a pesquisas sobre cultura, sexualidade e gênero na área dos estudos culturais e teoria queer.

\*\* Juliana do Prado é professora adjunta de sociologia da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, na unidade de Paranaíba. Possui doutorado em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFSCar e mestrado em Sociologia pela Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara, onde iniciou seus estudos sobre mídia, corporalidades e gênero. Atualmente está vinculada como pesquisadora ao Núcleo de Pesquisa em diferenças, gênero e sexualidade Quereres, e tem desenvolvido pesquisas sobre mídias digitais, emoções, gênero, sexualidade e diferenças.

## Apresentação Dossiê Sexualidades, Intersecções e mídias

Abordar as tecnologias, portanto, é falar de suas convergências, atestadas no intercâmbio de referenciais culturais que advém do cinema e da televisão com os que vêm dos usos das mídias digitais, por meio das redes sociais. As telenovelas e o cinema, por exemplo, acionam vocabulários que estão constantemente sendo empregados por usuários de redes sociais, comunicando-se com estes e também cada vez mais circulando nessas esferas em busca de audiência. Pessoas anônimas adquirem visibilidade nas mídias digitais, seja através de vídeos em sites como Youtube, aplicativos de celulares como o Whatsapp, páginas de humor, blogs, etc. Esse circuito de conteúdos, vocabulários e pessoas tende a diluir as concepções a respeito da função de cada mídia pois, no contexto atual, elas estão o tempo todo dialogando e, mais do que isso, revelando que os usos das mídias digitais trazem à tona aspectos que dizem respeito à intimidade, afetos e emoções que desafiam as pesquisas sobre mídias de modo geral.

São várias as pesquisas atuais que versam sobre as relações interpessoais perpassadas pelos sítios de relacionamento, redes sociais e aplicativos em dispositivos móveis, o que vem ao encontro da observação da pesquisadora americana Sherry Turkle (2011), para quem as tecnologias têm se tornado o arquiteto de nossa intimidade. As peculiaridades dos contextos em que essas mídias são usadas desafiam perspectivas unilaterais de análise ao revelar os fluxos de sujeitos por diferentes plataformas de sociabilidade, assim como os diferentes dispositivos tecnológicos que permitem mediar relações sociais.

Aprender os aspectos delimitadores das mídias, ou suas disposições arquiteturais, não é o mesmo que dizer que há um padrão único e determinado de seus usos. Como afirma Iara Beleli na entrevista que segue os artigos deste dossiê, controle e agenciamento não podem ser abordados em separados. As novas tecnologias e os fluxos de informação e comunicação derivados delas possibilitaram novas formas de produção cultural e novas possibilidades relacionais.

De que modo nossas intimidades, sexualidades e identidades são impactadas pelas mídias na sociedade contemporânea? Este dossiê, *Sexualidades, Intersecções e Mídias*, perpassa tais questões, com o foco em problemáticas contemporâneas: dentre elas, resalta-se o cinema queer ou o *Trans Cinema*, abordando uma cada vez mais destacada expressão das formas contemporâneas de representação de dissidências de gênero. O foco nas representações trans nos permite refletir sobre como a politização das diferenças sexuais e de gênero, próprias do âmbito político atual, também se expressa na emergência de novas modalidades de produção filmica. Dentre essas novas modalidades está o *Trans Cinema* que,

em sua especificidade, permite uma reflexão ampliada sobre os novos olhares, recepções e agenciamentos presentes no cinema contemporâneo.

Em seguida, será debatido o uso das mídias digitais por homens que procuram relações afetivas/sexuais com outros homens em contextos de cidades médias no interior paulista, no Brasil, e na província de Córdoba, na Argentina. Neste sentido, aborda-se a questão dos usos contextuais e específicos das tecnologias. Debruça-se à análise das relações afetivas e sexuais transpassadas por uma série de mediações das mídias digitais, seus websites e aplicativos e as novas formas de se organizar a imagem, a identidade e as relações de presença e ausência, cada vez menos demarcadas em um mundo altamente conectado, proporcionado pela nova reconfiguração da vida entre o online e o offline.

A abordagem da sexualidade e das mídias digitais explora a possibilidade de concretização de novos vínculos afetivos e sexuais, envolvendo aspectos socioculturais e relações de poder, com destaque para a questão do segredo, parte fundamental da estruturação da heteronormatividade contemporânea. Além disto, foca-se na problemática da racialização, aspecto sempre presente nas formas de apresentação de si e de organização da esfera erótica, demonstrando que a corporalidade é um aspecto fundamental nos contextos de busca afetiva e sexual mediada pelas mídias digitais. Ao contrário do que comumente se imagina, de que pelas mídias digitais é possível ter uma amplitude do que se deseja ser e descrever sobre si, a apresentação corporal é textualizada e revela-se como um dado importante de negociação na procura de parceiros afetivos. O enfoque dos textos perpassará, em especial, a questão da interseccionalidade, abordando como os marcadores de gênero e raça ganham relevo na forma como a sexualidade é acionada nas diversas formas de textualização de si, possibilitando e regendo os encontros.

O primeiro artigo, *Dil: The Crying Game, espectralidade e agenciamento trans em Traídos pelo Desejo*, de Marcelo Spitzner, centra-se na análise do filme *The Crying Game* (Traídos pelo Desejo) de Neil Jordan, recolocando a clássica discussão feminista do cinema sobre o olhar (gaze), abordada então a partir da relação entre espectralidade e agenciamento de uma personagem trans. Com o foco na personagem Dil, uma cabeleireira negra e trans que se apresenta como cantora e performer em um bar queer chamado Metro, Spitzner aborda um aspecto relacional específico do que denomina de Trans Cinema, as "válvulas de escape", momentos nos quais personagens trans experimentam uma ruptura com o sentimento de medo ou exposição potencial à violência. O foco do artigo é a interpretação da música *The Crying Game* (cujo título dá nome ao filme) por Dil, uma "canção-escape" na qual a protagonista em

## Apresentação Dossiê Sexualidades, Intersecções e mídias

vez de se tornar objeto do olhar voyerístico, assume o controle sobre os olhares dos espectadores diegéticos, agenciando a espectralidade a seu favor.

O segundo artigo, *O desejo pela branquitude e o fantasma das diferenças raciais: negociações das diferenças a partir do uso dos bate-papos na cidade de São Carlos* de Keith Kurashige, aborda a busca de homens por relações amorosas ou sexuais por meio de *chats* voltados para o público da cidade de São Carlos-SP. O texto de Kurashige introduz a questão de como as mídias digitais reconfiguraram as relações afetivas e sexuais entre homens, retomando a problemática do segredo como um regime de visibilidade em suas especificidades nacionais. O foco do artigo de Kurashige é nas especificidades da busca amorosa em uma cidade de médio porte do interior paulista, abordando especialmente como critérios de "racialidade" se fazem presente nas buscas desejantes, com enfoque especial para a relação entre erotismo e segredo e atribuindo destaque para a temática da racialização de nipo-brasileiros e negros, em um regime erótico cuja tônica é a branquitude.

A análise das relações homoeróticas mediadas pelas tecnologias digitais retornam no terceiro artigo, *Deseos pixelados: Sociabilidad homoerótica masculina en Villa María y la región (Córdoba, Argentina) a través de Manhunt.net* de Fernando Pepló. Voltado à Villa María, uma cidade do interior da província de Córdoba, na Argentina, Pepló analisa os perfis de usuários e realiza incursão etnográfica no sítio do Manhunt.net. Em uma perspectiva sociológica, perpassa o anonimato possibilitado pelas novas tecnologias digitais, as configurações desenhadas pelo sítio Manhunt e aborda as semelhanças entre tais buscas amorosas e sexuais e os esquemas de troca do mercado.

Analisando as transformações das relações homoeróticas com o desenvolvimento da Internet no contexto estudado, Pepló aborda como o segredo se configura em uma cidade interiorana na Argentina, bem como analisa as estratégias de busca de pares, evidenciando a associação rechaçada entre passividade sexual e emasculação demonstrada no seu campo, configurada como um estigma. Assim, a afirmação da masculinidade e suas características ideais, como a preferência pelo papel ativo sexual, apresenta-se como elemento fundamental de negociação no mercado sexual e amoroso que o autor descreve e analisa. Por fim, o autor aborda o intercâmbio entre tais buscas e a pornografia gay que, por ser a única forma cultural que positiva a sexualidade entre homens, serve de referência aos modos de representação.

O quarto e último artigo que compõe o dossiê, *Isto não é um manual de instruções: notas sobre a construção, circulação, regulação e consumo de perfis em três redes geosociais voltadas ao o público gay*, de Felipe Padilha, faz uma discussão do modo como a propaganda,

tida como tecnologia social, produz uma imagem desejável do que pretende vender, tomando como referência três diferentes aplicativos geosociais de procura de parceiros gays, que são segmentados e acessados por diferentes perfis de público. A construção de perfis nesses aplicativos também é abordada a partir da fotografia e o autor entende como o conjunto de interpelações providas pelos aplicativos informa elementos que os sujeitos acionam na construção de suas imagens de modo interseccional, articulando aspectos de gênero, sexualidade, raça-etnia e geração. O argumento de Padilha é que as mídias digitais por meio de seus artefatos tem modificado a gramática erótica, regulando suas imagens, bem como valores que caracterizam as experiências de seus desejos e relações.

Para aprofundar nas questões propostas por esse dossiê, apresentamos uma entrevista com a Profa. Dra. Iara Beleli, pesquisadora que lidou em sua trajetória com temas caros ao nosso dossiê, quais sejam, as diferenças, gênero, sexualidade e mídias. Na entrevista, conversamos sobre seu primeiro contato com os estudos sobre mulheres em sua formação, sua interlocução próxima com várias professoras e pesquisadoras pioneiras na discussão de gênero no país e também sobre a sofisticação dos debates e abordagens mais contemporâneos da teoria feminista, ampliando a esfera de reflexão do gênero para problemáticas interseccionais. Refletimos, a partir de suas pesquisas, desenvolvidas em diferentes momentos de sua trajetória acadêmica, sobre as mudanças nos relacionamentos contemporâneos impactados pelas mídias digitais, a influência e relevância do feminismo como movimento social, as formas de controle e agenciamento que perpassam as novas visibilidades permitidas pelas mídias e redes sociais, bem como as estratégias metodológicas de inserção no campo das mídias digitais.

Em suma, nossa proposta foi aglutinar artigos que trabalham a partir das interseccionalidades para analisar as mídias e as formas contemporâneas de sexualidade. Os textos que seguem se caracterizam por fazer não apenas isso, mas por trazerem a contribuição de pesquisas que lidam com mídias para analisar aspectos centrais nas relações sociais, como as dimensões da intimidade, afetos, representações, em formas dissidentes à heteronormatividade, a partir de personagens que desafiam, inclusive, os modos como pensamos as relações de poder a partir da influência das mídias.

Desejamos a todxs uma ótima leitura!

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

TURKLE, Sherry. **Alone Together: Why We Expect More From Technology and Less From Each Other.** New York: Basic Books, 2011.